

Economia - BRASIL

Conjuntura Grupo defende debate e sugere fim do superávit primário

Manifesto de economistas ataca política do governo

Ricardo Balthazar

De São Paulo

Um grupo de economistas do Rio e de São Paulo está colhendo assinaturas para um manifesto cheio de críticas à forma como o governo tem conduzido a política econômica. O documento pede um amplo debate sobre a política oficial e defende a adoção de medidas controversas para reanimar a atividade econômica.

Intitulado "A Agenda Interditada", o manifesto é um ataque direto ao ministro da Fazenda, Antonio Palocci. O título faz referência ao documento "A Agenda Perdida", lançado na campanha eleitoral por um grupo de economistas coordenado pelo atual secretário de Política Econômica do ministério, Marcos Lisboa.

O manifesto afirma que o país "está sendo levado a um beco sem saída de estagnação e de-

semprego por uma política econômica que capitulou à insensatez do totalitarismo de 'mercado'. Para o documento, falta discussão sobre a linha adotada pelo governo. "Queremos abrir a agenda da economia política brasileira e expor a caixa preta da política econômica ao debate."

O manifesto sugere a adoção de controles de capitais e da taxa de câmbio, a redução das taxas básicas de juros, e investimentos públicos em áreas como saúde, educação e infra-estrutura. O documento defende o fim do arrocho fiscal, com a "redução do superávit primário até sua eventual eliminação pelo aumento responsável do dispêndio público".

O manifesto é apoiado por uma lista eclética que até ontem reunia 36 pessoas. O grupo dominante é formado por professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), incluindo

Aloísio Teixeira, que o governo deve nomear em breve reitor da universidade. Três trabalharam durante a campanha eleitoral com o atual ministro da Integração Nacional, Ciro Gomes, que disputou a Presidência pelo PPS.

Três apoiadores são funcionários de carreira do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Há quatro economistas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), incluindo dois de seus fundadores, João Manuel Cardoso de Melo e Luiz Gonzaga Belluzzo. Dois professores da Universidade de Brasília (UnB) também assinam.

"A política econômica que o governo adotou não é a única alternativa e o documento vai na direção correta ao apontar isso", diz Belluzzo, que no ano passado participou da campanha petista como membro de um grupo de análise de conjuntura. Há entre

os apoiadores do manifesto mais dois economistas que colaboraram com o PT na campanha e ficaram sem lugar no governo, Ricardo Carneiro, da Unicamp, e Reinaldo Gonçalves, da UFRJ.

Há uma grande identidade entre vários dos signatários do documento e o atual presidente do BNDES, Carlos Lessa. Alguns, como Teixeira, são seus amigos pessoais. A assessoria de imprensa do banco informou que Lessa não conhece o documento e nada tem a ver com seu conteúdo.

Em suas entrevistas, o presidente do BNDES tem evitado manifestar opinião sobre a política econômica sempre que lhe perguntam sobre o assunto. Alguns dos professores da UFRJ que assinam o manifesto participam de um curso de reciclagem organizado pela diretoria do BNDES para os funcionários do banco. As aulas começaram em maio.